

# Freire aprendeu a ser bom negociador com usineiros

por Eliane Cantanhêde, de Brasília

Ainda jovem, antes mesmo de se formar em direito pela Universidade Federal de Pernambuco, o hoje deputado e candidato ao Senado Roberto Freire (PPS) já era advogado trabalhista dos sindicatos rurais de Pernambuco. E foi nessa época, nos idos de 1963, que ele aprendeu o que sabe de melhor: negociar politicamente.

“Claro. Quisesse ou não, eu tinha que sentar com os usineiros, os grandes capitalistas, e dialogar. Acabei aprendendo”, explica Freire, cinco filhos e vinte quilos adquiridos desde então, sempre casado com Leticia, a colega de faculdade.

Sempre de esquerda, foi do MDB e do PMDB até poder, enfim, assumir a sigla do



Roberto Freire

PCB, com a qual concorreu à Presidência da República, em 1989. Mas durou pouco. Caiu o “muro de Berlim” e veio o PPS para substituir a velha sigla. Agora, até essa está em dificuldades: majoritariamente, como Freire, apóia a candidatura petista de Luiz Inácio

Lula da Silva; mas há setores dissidentes a favor do tucano Fernando Henrique Cardoso.

Bom tribuno, briguento, Freire conseguiu uma proeza: de Ulysses Guimarães a José Sarney, todos os “papas” do Congresso já lhe elogiaram a capacidade de articulação e de negociação, mesmo nas situações mais adversas. “Mas nunca deixei de reafirmar minhas próprias posições”, ressalva.